

— Uma feliz escolha de viagem! tagarelou enquanto isso. Ah! Veneza! Uma cidade maravilhosa! Uma cidade de irresistível atração para o erudito, tanto por sua história como por seus encantos atuais!

A lisa rapidez de seus movimentos e a conversa vazia com a qual os acompanhava tinha algo de entorpecente e distrativo, como se estivesse pensando que o viajante pudesse ficar vacilante na sua decisão de ir a Veneza. Recebeu depressa e deixou cair o trôco, com habilidade de *croupier*, sobre o pano manchado da mesa.

— Bom divertimento, meu senhor! disse êle com uma mesura de ator. É uma honra para mim, conduzi-lo... Meus senhores!, chamou logo em seguida com o braço erguido e fêz como se os negócios estivessem andando muito bem apesar de não ter mais ninguém para atender. Aschenbach voltou ao convés.

Um braço apoiado no parapeito, observou o povo desocupado que vadiava pelo cais a fim de presenciar a partida do navio e dos passageiros. Os da segunda classe, homens e mulheres, acocoravam-se na proa usando caixotes e trouxas como assentos. Um grupo de jovens compunha os companheiros de viagem da primeira classe, auxiliares de comércio polesianos, que, como parecia, num impulso jovial, se reuniram para um passeio à Itália. Não faziam pouco rebuliço de si e sua iniciativa, palravam, riam, gozavam, vaidosos, suas próprias atitudes e, debruçados sobre a amarra, gritavam troças aos colegas que, de pasta embaixo do braço, andavam pela rua do cais tratando

de negócios, ameaçando os folgados com a bengaliinha. Um dêles, de terno veranil amarelo-claro, de corte ultramoderno, gravata vermelha e chapéu panamá virado arrojadamente para cima, sobressaía com voz cacarejante e bom-humor. Mal, porém, Aschenbach, o observara melhor, notou, com uma espécie de horror, que o jovem era falso. Era velho, não havia dúvida. Rugas rodeavam seus olhos e sua boca. O leve carmesim era *rouge*, o cabelo castanho sob o chapéu de palha com fita colorida era uma cabeleira, seu pescoço flácido e nervudo, seu bigodinho e a môsca no queixo eram pintados, sua dentadura amarela e completa, que mostrava rindo, um serviço barato de prótese, e suas mãos, com anéis brasões em ambos indicadores, eram as de um ancião. Sentindo-se arrepiado, Aschenbach, analisou-o em sua comunidade com os amigos. Não sabiam, não percebiam que era velho, que injustamente usava suas roupas janotas e coloridas, injustamente passava por um dêles? Naturalmente e habituados, como parecia, toleravam-no como um dêles, retribuía, sem repulsa, suas cotoveladas brincalhonas. Como podia ser isso? Aschenbach cobriu a testa com sua mão e fechou os olhos que ardiam porque dormira pouco. Pareceu-lhe que nem tudo era como de costume, que começava alastrar-se uma estranheza sonhadora, uma desfiguração do mundo para o esquisito que talvez ainda pudesse ser detida se escurecesse seu rosto e tornasse a olhar. Neste momento, porém, teve a impressão de movimento e, abrindo os olhos com susto insensato,